



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de entrega do prêmio Fernando de Azevedo – educador do ano 2009 – ao ministro da Educação, Fernando Haddad

Rio de Janeiro – RJ, 25 de janeiro de 2010

Antes de ler o meu pronunciamento aqui, eu queria avisar ao João Guilherme Ripper, que é o diretor da sala em que estamos aqui – e esse pedaço do meu discurso aqui era do Sérgio Cabral, ele esqueceu na mesa – então é só para avisar, João Guilherme, que essa sala vai entrar em reforma assim que for concluída a reforma no Teatro Municipal, e o Sérgio Cabral vai investir um recursinho aqui para recuperar o brilhantismo e ajudar a nossa secretária da Cultura, Adriana Rattes, a cumprir com os seus compromissos com a cultura do Rio de Janeiro. E do discurso do Sérgio Cabral, vou ler o meu agora. O meu está grosso.

Primeiro, cumprimentar o Sérgio Cabral,
Cumprimentar o Fernando Haddad,
Os deputados Chico D'Angelo e Luiz Sérgio,
Nosso querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,
O acadêmico Carlos Alberto Serpa de Oliveira, na pessoa da qual saúdo os demais acadêmicos imortais,
A acadêmica Terezinha Saraiva,
Os nossos queridos familiares do Fernando Haddad,
Convidados e amigos da imprensa,

Eu penso que ninguém melhor do que vocês que formam a Academia sabem da centralidade que a educação deve ocupar no conjunto das políticas públicas de uma nação que tem por objetivo reduzir suas desigualdades sociais e regionais e viver um longo período de desenvolvimento sustentável. E é



exatamente por esse motivo que me sinto honrado e orgulhoso de ver o companheiro Fernando Haddad ser escolhido por unanimidade como o educador do ano. Eu penso que essa homenagem reafirma a convicção minha e de outros companheiros quando resolvemos, em um momento difícil, chamar o Fernando Haddad para assumir o Ministério da Educação. Eu vou, Fernando, dispensar o meu discurso, pedindo (incompreensível) para colocar ele no lugar. Não era possível falar bem do Fernando Haddad por escrito.

Mas uma coisa eu queria dizer para vocês aqui da Academia: a política talvez seja a única ciência que a gente precisa um pouco mais do que a escola para aprender a exercitá-la. Imaginem vocês se um ministro da Educação, tendo como presidente da República um torneiro mecânico, resolvesse em vez de discutir educação com o presidente, fizesse o que muitas vezes se fez no Brasil. O ministro constrói uma tese e aquela tese ele tenta impor ao governo como se fosse um programa de governo, não discutido com ninguém, mas apenas uma tese que cairia assim que o ministro deixasse de ser ministro.

Quando nós resolvemos discutir o PAC da Educação, e está aqui parte da equipe do companheiro Fernando Haddad, nós, ao terminar a discussão do PAC, a gente poderia dizer que nós tínhamos um programa de educação feito a milhares de mãos, construído pela sociedade, inclusive com forte participação da própria Conferência de Educação. Quando o Fernando Haddad não for mais ministro, certamente quem entrar vai ter que concluir um programa que não é dele, mas que foi construído por grande parte dos educadores brasileiros. Seria diferente.

Quando nós construímos o PAC da Ciência e Tecnologia, que nós decidimos colocar R\$ 41 bilhões de 2007 a 2010, eu jamais imaginei ter presenciado na direção da SBPC um programa de Ciência e Tecnologia ser aprovado por unanimidade em uma plenária com mais de 200 cientistas e pesquisadores brasileiros. E eles diziam exatamente a mesma coisa: “Esse programa não é do governo Lula, esse programa não é do ministro tal. Esse é



um programa feito pela comunidade, portanto, é um programa feito pelo País. Qualquer um que entrar, vai ter que cumprir esse programa”.

Qual foi a grande revolução que aconteceu nesses últimos anos? É que o Fernando Haddad é o tipo de gente que ele pode até encontrar argumento para dizer que uma coisa, que é proposta por um presidente ou por um amigo dele do ministério ou por um outro companheiro ministro, não seja séria, não seja séria, não seja importante, vamos dizer assim, mas jamais o Fernando deixará de discutir e de tentar convencer, argumentando e provando que ele está certo. Ele não tem a tese pronta na cabeça e esse é um defeito de muita gente no Brasil. Ou seja, o defeito de você não saber, mas não permitir que os que sabem mais do que você falem, e não ter capacidade de escutar.

O ProUni poderia ter sido colocado em prática antes até. Eu não queria nem... Nunca tinha ouvido falar no ProUni. O que eu queria é que a gente utilizasse um jeito de financiar para que os pobres da periferia pudessem fazer universidade. Eu, na verdade, imaginava utilizar o dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e, de repente, me trazem à minha mesa a proposta do ProUni, que teve resistência no começo, muita, mas muita resistência no começo, e que nós conseguimos vencer todos os obstáculos e hoje é um programa de notável sucesso.

Eu não sei se em algum momento da história do Brasil, a gente teve tanto pobre fazendo universidade e, dentre esses pobres, tantos negros fazendo universidade neste país. Não é fazendo apenas Letras, porque muitas vezes sobra para o pobre na universidade particular o cursinho mais barato. A gente não vai pelo que quer fazer, a gente vai pelo que pode pagar.

E dessa vez, vocês estão vendo os pobres fazendo Medicina, fazendo Engenharia, fazendo todos os cursos que eles têm direito de escolher como qualquer outro cidadão brasileiro. Uma outra coisa em que o Fernando tem uma importância extraordinária é na questão do Reuni. Muitas vezes, a gente chega em casa, um adolescente, o prato está feito, a comida está na mesa, e



ele reclama: “Ah, não estou gostando. Não tem outra coisa?”. Ele não sabe o sacrifício que a mãe fez, não sabe do dinheiro que faltou para comprar os condimentos para a comida, não sabe nada. Ele só reclama.

O ProUni... Tinha uma elite da educação brasileira que não queria que a gente fizesse o Reuni. Inclusive, estudantes travestidos de esquerda. Você está lembrado quantas reitorias foram quebradas neste país, porque alguém achava que colocar 18 alunos em média, por sala de aula, era muito. Era poluir o ambiente educacional de uma sala de aula com 18 alunos. E foi quase que na marra que foi aprovado o Reuni, que hoje é um sucesso, já dobrando, praticamente, o número de vagas existentes nas universidades federais.

Eu acho, Fernando, eu lembro... Você ainda não era ministro, mas já estava pensando em ser, e o Tarso ainda não era candidato no Rio Grande do Sul, mas já estava pensando em ser, quando nós discutimos com a Suely Druck aqui a Matemática, a Olimpíada da Matemática. Parecia impossível a gente fazer Olimpíada da Matemática no Brasil porque, até então, só tinha em escola particular, praticamente. Nós tínhamos 274 mil alunos participando da Olimpíada da Matemática, a Argentina tinha um milhão e não sei quantos, os Estados Unidos, seis ou nove milhões. E nós tínhamos dúvidas se as crianças pobres das escolas públicas iriam participar das Olimpíadas da Matemática.

O Fernando sabe, a nossa Suely está aqui, que hoje a Olimpíada da Matemática, talvez, nem a China tem uma do tamanho da nossa. Hoje... Este ano foram quantos? Dezenove milhões? Nós tínhamos 274 mil alunos que participavam das Olimpíadas da Matemática, no ano passado se inscreveram 19 milhões e 300 mil crianças para participar da Olimpíada da Matemática. Eu recebi a fotografia dos três gêmeos, lá da Paraíba, e uma coisa fantástica é que a Olimpíada da Matemática é um dos grandes fomentadores das crianças estudarem. Ou seja, as crianças se preocupam em estudar para participar da Olimpíada da Matemática. Já fizemos uma de Português, este ano fazemos a



segunda. É isso, Fernando? A primeira, foi no ano passado. E a primeira de Ciências, quando é que vai ser?

Bem, o que eu quero dizer é que, Fernando, quem vier assumir o Ministério depois de você, uma coisa que está colocada como coisa sagrada é que mudou o patamar da educação no Brasil. As pessoas vão ter que fazer muito mais. Primeiro, vão ter que cumprir tudo que já está aprovado em lei. E, depois, as pessoas vão ter que fazer muito mais. Porque, qual era o problema do Brasil? O problema do Brasil é que nós tivemos presidentes da República que ficaram um mandato inteiro sem construir uma única universidade neste país. Tivemos presidentes da República que ficaram mandatos inteiros sem construir sequer uma escola técnica profissional.

Então, um país que estava atrofiado economicamente, estava se atrofiando intelectualmente e, do ponto de vista educacional, já se dava de barato que só podia estudar quem podia pagar mesmo. Quem não podia... terminasse apenas o ensino fundamental e fosse procurar um emprego para trabalhar, e, se tivesse sorte, chegaria a torneiro mecânico. Era isso, esse país que era pensado assim. E o Fernando sabe que a primeira grande discussão que nós fizemos no governo, já na gestão dele, é de que a gente não poderia utilizar a palavra “gasto”, em Educação. Dentro do governo, acabar com a palavra “gasto” na Educação, e a palavra agora é “investimento”. É investimento na Educação, para que a gente não tenha dó de colocar dinheiro.

E eu acho que o Fernando tem essa grandeza. Primeiro, de ter a competência. Segundo, ter a grandeza de ter ouvidos. Ter a grandeza de passar horas e horas e horas, dias e dias no Congresso Nacional, conversando com deputado, conversando com senador, tentando mostrar. Quantas reuniões nós fizemos sobre a DRU para convencer o pessoal da Fazenda que era importante a gente acabar com a DRU. Quantas? É um processo de convencimento e ele tem, eu diria, uma extraordinária competência. Primeiro,



de montar a equipe. Depois de montar a equipe, de executar as políticas determinadas.

Então, eu queria dizer aos meus queridos e queridas amigas da Academia de que vocês deram um prêmio, eu diria, justo a um homem que fez por merecer e que vai marcar a história da Educação no nosso país. O Brasil nunca mais voltará a ser o país que pensava pequeno na Educação, como pensou durante décadas e décadas. Nunca mais. Hoje, quando a gente visita uma cidade, os prefeitos não reivindicam outra coisa, já não tem mais gente fazendo protesto “fora FMI”, “fora não-sei-das-quantas”. Hoje, o que a gente encontra são estudantes com faixas na rua, pedindo uma extensão universitária para a sua cidade, ou uma escola técnica, ou um Ifet. Na verdade é isso que as pessoas estão reivindicando. Quando um povo começa a reivindicar educação e sala de aula significa que mudou o padrão de comportamento da sociedade, e isso nunca mais, nunca mais terá volta. Nunca mais.

Então, Fernando, parabéns pelo prêmio, viu. Quero te dizer, de coração, que eu acho que você merece. Você poderia ter ganhado no ano passado, você poderia ter ganhado no ano retrasado, mas eu acho que o pessoal, com a sua sabedoria, de tanta experiência, resolveu [esperar] você ficar mais maduro, para você poder ganhar o prêmio, eu diria, em uma situação privilegiada que o Brasil está vivendo. Não é boa, mas eu penso que muitos desses senhores e senhoras que estão aqui não viveram um período em que autoestima desse povo está como nunca esteve. Eu estou com 63 anos de idade, eu nunca vi o povo brasileiro acreditar tanto em si, como ele está acreditando neste momento. E nós não temos o direito de fracassar, não temos o direito. E, portanto, esse prêmio veio na hora certa, no ano certo e, ainda mais, como presente de aniversário.

Parabéns pelo prêmio, e parabéns pelo teu aniversário!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
